

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO ESPAÇO AGRÁRIO CONSTITUÍDO PELA LAVOURA ORIZÍCOLA NO RIO GRANDE DO SUL

*Marcelo Cervo Chelotti, Meri Lourdes Bezzi*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 98-107, dez., 2001.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38434/24701>

---

Publicado por

## Associação dos Geógrafos Brasileiros

---



## Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO ESPAÇO AGRÁRIO CONSTITUÍDO PELA LAVOURA ORIZÍCOLA NO RIO GRANDE DO SUL

Marcelo C. Chelotti\*\* & Meri L. Bezzi\*\*\*

### I - Introdução

Ao dividir espaços com a pecuária extensiva, a lavoura orizícola foi responsável pela reorganização do espaço rural na maioria dos municípios da Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul, aumentando a arrecadação de impostos e dinamizando a tradicional área de pecuária do Estado Gaúcho. Assim, no decorrer das décadas esta cultura foi capaz de modelar a paisagem regional, até então, dominada pela pecuária.

O grande papel socioeconômico que este segmento representa para a Metade Sul e para o estado do Rio Grande do Sul, começou a ser desestruturado com a abertura do mercado brasileiro ao mercado externo. Sabe-se que muitas vezes, a competitividade principalmente entre os países do Mercosul, fez com que a produção do arroz gaúcho oscilasse.

Atualmente a lavoura orizícola gaúcha vem passando por períodos de adaptação no qual agricultores e órgãos de pesquisa tentam buscar cultivares de melhor qualidade e competitividade, bem como as freqüentes reivindicações dos agricultores ao governo para que adote uma verdadeira política agrícola que não desistumule a produção de arroz, comprometendo assim o auto-abastecimento do mercado brasileiro.

---

\*Parte integrante do Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM para obtenção do grau de Licenciado em Geografia

\*\* Graduado em Geografia pela UFSM, mestrando em Geografia na UNESP campus Presidente Prudente - SP

\*\*\* Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> no Depart. de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Nº 27	P. 98-107	DEZ. 2001
--------------------------------	--------------	-------	-----------	-----------

### **1.1- A inserção e a evolução da lavoura orizícola do Rio Grande do Sul**

Durante a colonização açoriana, em meados do século XVIII, baseada na pequena propriedade familiar, o arroz do tipo sequeiro era cultivado basicamente para uma subsistência.

No entanto, através da colonização alemã, tem início no século XIX, uma agropecuária especializada nas áreas coloniais visando o abastecimento interno. Mas no caso específico do arroz irrigado, este começa a ser cultivado em grande escala no início do século XX, não concentrando-se nas áreas coloniais, mas quase que exclusivamente na Depressão Central e Litoral Ocidental da Lagoa dos Patos. (Franquelli apud Bescow, 1986)

Desta forma, os primeiros grandes investimentos da produção de arroz irrigado esteve associado a um certo nível de concentração da capital oriundo de uma pecuária que exportava charque outra regiões. Neste contexto, a cultura do arroz estava sob domínio de familiares importantes oriundas de classe pecuarista, que segundo Fraquelli apud Bescow (1986, p.49):

A pecuária é a atividade principal, mas encontrava-se em crise permanente já na década de 1920, a rentabilidade do arrendamento para o orizicultura começa a configurar com uma das possíveis saídas para o setor pecuarista.

Pode-se dizer então, que desde os primórdios da inserção da lavoura orizícola baseada na produção para o mercado, esta lavoura esteve altamente associada a pecuária, onde estas duas atividades econômicas começaram a dividir espaços e constituíram uma nova forma de exploração da terra. Assim, durante os períodos de crise da pecuária, uma das alternativas era arrendar parcelas desta terra para os orizicultores, em função da lucratividade da mesma em relação da exploração pecuarista. Salienta-se que esta classe embora minoritária se transforma em capitalista – tanto arrendatários como proprietários fundiários – e a majoritária em proletariados. Esta nova reorganização espacial, no entanto, não significou a transformação do grande proprietário de terras em capitalistas agrícola.

Assim, o arrendatário capitalista dedicado a orizicultura no Rio Grande do Sul, é proprietário dos meios de produção, ou seja, maquinários e equipamentos agrícolas. Em geral, este arrenda terra e água, elementos naturais imprescindíveis para o cultivo desta lavoura. Desta forma, o arrendamento capitalista na lavoura orizícola está associada a existência da propriedade privada da terra, uma vez que esta é monopolizada por uma pequena parcela, geralmente os latifundiários pecuaristas. No entanto, cabe-se ressaltar que o arrendamento capitalista na agricultura brasileira desenvolveu-se originalmente na orizicultura irrigada no Rio Grande do Sul. (Bescow, 1986)

Verifica-se então, a consolidação de uma agricultura voltada para o mercado interno que crescia em função do café, e de um mercado externo que necessitava de gêneros alimentícios devido seus problemas políticos e econômicos. Assim, a lavoura orizícola configura-se como uma lavoura explorada sob forma capitalista,

alicerçada num coeso processo de mecanização de sua lavoura.

Na década de 50, com a substituição da importação pelo processo de industrialização atrelado ao novo padrão de acumulação capitalista centrado na instalação e expansão da indústria, redimensionou-se a importância do setor agrícola destinado ao mercado interno, levando muitos autores denominar o Rio Grande do Sul de celeiro do Brasil.

*Outro período muito importante para a constituição da lavoura orizícola no Rio Grande do Sul, foi a política governamental do período pós-64 de cunho modernizante-conservador, trazendo assim vários benefícios para os interesses da classe latifundiária e capitalista no campo, os arrendatários. Neste sentido, para Bescow (1986, p.105), é implantado, então, "... um sistema de apoio as atividades agropecuárias no crédito volumoso e subsidiado para o custeio e investimento acoplado à pesquisa, à assistência técnica e outros serviços".*

### **1.2- As transformações na agricultura via modernização**

*A introdução do processo técnico na agricultura, ou seja, a modernização, gerou profundas transformações, nas quais as técnicas tradicionais foram substituído por mais "modernas", mudando a relação entre o homem e a natureza, onde o boi foi substituído pelo trator, o estrume pelo adubo químico, a enxada pelo arado, entre outros. (Brum, 1988). Para Graziano Neto (1982, p.26) é interessante observar-se que: A modernidade significa muito mais que isso. Ao mesmo tempo em que vai ocorrendo aquele processo técnico na agricultura, vai-se modificando também a organização da produção, que diz respeito às relações sociais (e não técnicas) de produção. A composição e a utilização do trabalho modificam-se, intensificando-se o uso do bóia fria ou trabalhador volante; a forma de pagamento da mão-de-obra é cada vez mais assalariada; os pequenos produtores sejam proprietários, parceiros ou posselros vão sendo expropriados, dando lugar em certas regiões, a organização da produção em moldes empresariais.*

*Neste contexto, a modernização da agricultura, deu-se em função da introdução do sistema capitalista no campo, onde sem dúvida, o avanço tecnológico, abriu nova fronteira para expansão do capital. Isso ocorreu tanto pela necessidade de máquinas, como também pela produção de insumos e pela criação de uma infraestrutura básica. Esta modernização foi "financiada" pelos interesses internacionais, ou seja, grandes grupos multinacionais geraram as condições necessárias para que a mesma ocorresse, colocando no mercado os mecanismos necessários para produzir modernamente, o que, conseqüentemente gerariam lucros significativos. (Brum, 1988). Contudo, para Brum (1988, p.49) deve-se destacar que: Atrás dos aparentes objetivos generosos e humanitários da "Revolução Verde" serve de carro chefe para ampliar o mundo da venda de insumos agrícolas modernos, máquinas, equipamentos, implementos, fertilizantes, defensivos, pesticidas, etc.*

*É importante ressaltar também que a agricultura brasileira, sofreu um pro-*

*cesso de transformação tecnológica profundo, sem que tenha ocorrido qualquer modificação na estrutura agrária, conservando e agravando o padrão injusto de distribuição da posse da terra. Neste contexto, é importante resgatar Müllher (1992, p.40) quando o mesmo reforça que: A tendência mais marcante nas atividades agrárias dinâmicas e a concentração: concentração da produtividade e da qualidade dos produtos, concentração do número de produtores-gerentes profissionais, concentração do poder econômico, concentração do comando em redes de produção e distribuição.*

Desta forma, o processo de transformação tecnológica ocorrida recentemente privilegiou alguns produtos (os grandes), algumas atividades (os produtos de exportação) e algumas regiões do Brasil. Na visão de Guimarães (1982), a modernização da agricultura, baseou-se na introdução de capital na forma de máquinas pesadas, que disponibilizaram os trabalhadores do campo. Como o preço do capital tendia ser elevado, a política agrícola mantia-se artificialmente barato o capital, através do crédito rural subsidiado, possibilitando essa modernização. Assim, os grandes proprietários são privilegiados, seja porque detêm mais recursos e têm maior acesso ao crédito, seja na escala em que devem operar as máquinas que são grandes, não se ajustando, portanto, as pequenas propriedades.

*A agricultura capitalista, no estado do RS iniciou com a cultura do arroz. Esta cultura desenvolveu-se alicerçada em políticas governamentais específicas e aliadas a uma infra-estrutura bem definida em termos de cultivo, comercialização e industrialização. Deste modo, Bescow (1986, p.41), esclarece: O cultivo do arroz no RS nada tem a ver, portanto com o processo de imigração e com a história colonial. Desenvolveu-se sob a proteção tarifária, constituindo-se num caso típico de substituição de importação em sentido estrito. Além disso, por basear-se em fortes estímulos de preços, já nasce como uma atividade tipicamente empresarial, sendo, portanto, na época que examinarmos, uma notável e completa exceção no panorama agrícola do Estado.*

Apartir dos anos 50, o crédito fácil e juros favorecidos e a garantia de preço estável tiveram importante papel na expansão da triticultura gaúcha. Todavia, a partir de 1968, instaurou-se, no país, um novo período expansivo e a agricultura gaúcha passou a apresentar sinais de restabelecimento. Nesta época, tanto o mercado interno como o externo, e uma nova política governamental, voltaram-se favoravelmente às culturas capitalistas tornando novamente viável a expansão agrícola.

Assim de 1968 a 1974, a lavoura empresarial gaúcha apresentou um crescimento realmente surpreendente, pois tanto o arroz, como o trigo e a soja constituíram-se na frente de expansão capitalista no Estado. A mecanização da lavoura foi introduzida no Estado através do cultivo do arroz, entretanto foi a triticultura que efetivou a consolidação da modernização agrícola inclusive lançando bases para a lavoura empresarial, ou seja, a triticultura mecanizada co-

mandou o processo de mecanização, que teve início no Planalto Gaúcho e depois se difundiu para todo Brasil.

Portanto, com a penetração capitalista no campo, alterou-se a fisionomia do Estado Gaúcho que modificou o seu setor agrícola com o processo de modernização. Sendo que um dos problemas mais visíveis foi o êxodo rural, se ocorreu em função das mudanças tecnológicas. Conseqüentemente, acentuou-se a urbanização no Estado, isto porque a migração rural-rural começava a fechar-se, como é o caso das migrações para o oeste do Paraná. Enquanto o governo privilegiava alguns produtos, os de exportação, os produtos destinados ao abastecimento da população passavam a ser desprezados pelos agricultores, pois os mesmos optaram para culturas que o mercado exigia, ou seja, o arroz, a soja e o trigo sendo deixados de lado os de subsistência como, o feijão, a mandioca, entre outros.

O período pós-60, com destaque ao período de 1967-74, ocorreu o ciclo de grande expansão da atividade econômica que ficou conhecido como "o milagre brasileiro", marcando o início da intensificação da modernização do espaço agrário no país. Esse ocorreu em conseqüência da política de crédito rural intensificada até o final dos anos 70, pelo baixo custo dos recursos, devido a política de subsídios agrícolas.

A importância do crédito rural para o processo de modernização do espaço agrário no período pós-67, principalmente na década de 70, está ligado a proporção com que os financiamentos creditícios participaram no valor do produto líquido da agricultura. Sendo que a partir da década dos anos 70, o processo de tecnificação do espaço agrário brasileiro, cresceu rapidamente em dois elementos fundamentais: mecanização e a mecanização.

### **1.3- Perspectivas da lavoura orizícola no Rio Grande do Sul**

A lavoura orizícola desempenha no Rio Grande do Sul um relevante papel econômico e social, além de representar o maior giro de imposto na maioria dos municípios da Metade Sul do estado gaúcho. Ressalta-se que no decorrer do tempo a área desta lavoura oscilou bastante, em função das políticas agrícolas que são extremamente desfavoráveis, principalmente para produtos agrícolas voltados para o abastecimento interno, neste caso o arroz.

Ao comparar a área da lavoura orizícola com as demais no estado do Rio Grande do Sul, percebe-se que esta lavoura sempre esteve em franca expansão, tanto do ponto de vista de produtividade quanto de área cultivada. Neste sentido, a lavoura orizícola tem mantido sua área cultivável estabilizada, em função das oscilações do mercado mundial, que, nas últimas décadas, tem afetado a cadeia produtiva desta lavoura.

Neste contexto, conforme o Relatório Final do Plano de Reestruturação Econômica para a Metade Sul (1996), na composição do custo de produção de arroz irrigado no Brasil, em relação a Argentina e Uruguai, percebe-se nítida vantagem



comparativa nas lavouras dos países vizinhos em relação ao Brasil. Além do custo de produção, há outros componentes que são adicionados a esta competitividade.

O alto custo de produção da lavoura orizícola gaúcha é considerado, pelos agricultores, como um dos principais problemas enfrentados por esta lavoura no estado gaúcho. Assim, as vantagens de produzir arroz em outras regiões ou até mesmo na Argentina e Uruguai tornam-se evidente na medida em que seus custos de produção são bem inferiores aos encontrados no Rio Grande do Sul, tornam-se, desta forma, áreas de atração de agricultores.

O crescente incentivo à pesquisa do arroz de sequeiro ou arroz de terras altas, tem feito crescer significativamente a participação da produção desta cultura no estado do Mato Grosso no cenário nacional, com plantio de variedades de rendimento e qualidades elevadas. Os precursores da nova ascensão do arroz de sequeiro são os produtores de soja altamente tecnificados da região Centro-Oeste, que então adotando o arroz como cultura de rotação e obtendo bons resultados econômicos, uma vez que os novos cultivares permitem colher arroz de qualidade e preço comparáveis aos do agulhinha produzidos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

Neste sentido, a região do Centro-Oeste está se configurando com uma área de atração para a produção de arroz. A presença de agricultores gaúchos tem se acentuado no Centro-Oeste, para dedicarem-se a produção de soja ou criação de bovinos e também atualmente, cultivando áreas com o arroz.

Sabe-se, que outro fator responsável pela concorrência a produção de arroz do Rio Grande do Sul é o Mercosul, uma vez que, tanto a Argentina como o Uruguai são grandes produtores de arroz irrigado, onde os agricultores, destes países, em sua maioria, são brasileiros, que foram para os vizinhos do Prata, plantar arroz em função das políticas públicas voltadas para o setor agrícola serem melhores que as do Brasil. Além disso, no Uruguai e na Argentina, os orizicultores tem acesso a terras mais baratas ou arrendamento com custos bem abaixo dos praticados no Rio Grande do Sul.

*Neste sentido, cabe-se ressaltar os estudos de Benetti (1994) apud Haesbaert (1998, p.61) referentes aos fatores que teriam provocado essa expansão da fronteira agrícola gaúcha para os dois vizinhos do Prata: (...) terra próxima, barata e de qualidade superior a encontrada no Estado; rentabilidade microeconomia mais favorável da lavoura em expansão (a do arroz); proximidade de mercado consumidor (o principal destino da produção uruguaia é o próprio Brasil) e custos de exportação competitivos.*

Nos estudos de Haesbaert (1998) analisando a questão da expansão da fronteira agrícola brasileira, estima-se que existam dois mil produtores rurais, os quais responderiam por mais da metade da produção de arroz, o mesmo se aplica ao caso argentino. Assim, fala-se de uma invasão brasileira no Uruguai, onde quatro milhões de hectares estariam nas mãos de estrangeiros, basicamente compostos

por brasileiros. Destaca-se também que a maioria dos agricultores utiliza a mão-de-obra brasileira (residentes nas antigas áreas de produção de arroz). Salienta-se, que grande parte dos produtores permanecem com propriedades ou residindo no Brasil.

Neste contexto, por produzir arroz de excelente qualidade, semelhante ao do Rio Grande do Sul, o Uruguai tem mercado comprador garantido. As exportações de arroz uruguaio para o Brasil atingem mais de 80% do total das vendas. Além do Brasil, o Uruguai exporta arroz para o Oriente Médio, Europa e outros países da América Latina. Assim, a Argentina com menor tradição de exportação que o seu país vizinho, tem no Brasil o seu grande comprador para a produção excelente.

Desta forma, dos países membros do Mercosul, o Uruguai é o maior exportador de arroz para o Brasil. Como o mercado brasileiro permite a absorção de sua produção, que é basicamente voltada para o mercado externo, sua produção tornou-se especializada na produção de arroz agulhinha que possui qualidade igual ao produzido no Rio Grande do Sul.

A atual política do governo brasileiro, ao tentar suprir a demanda de arroz no país e diminuir, significativamente, a exportação de arroz da Argentina e do Uruguai, as quais giram em torno de 650 mil a 750 mil toneladas anuais. Acrescenta-se também a diminuição das importações de arroz oriundo de outros mercados como o dos Estados Unidos, Itália, Vietnã, Tailândia dentre outros.

Fica evidente que as políticas adotadas na década de 70, as quais permitiram a expansão da lavoura orizícola no Rio Grande do Sul, objetivava, basicamente, a expansão da produção de grãos, não estando associada com uma verdadeira política agrícola. Utilizavam-se, para tanto, políticas compensatórias de garantia de preços mínimos, crédito e subsídios. Esta medida de certa forma possibilitou a inserção da orizicultura em áreas até então dominadas pela pecuária, alicerçada no arrendamento capitalista da terra. Neste período da economia brasileira, não eram priorizadas as questões que integram os custos de produção, gerenciamento da propriedade e competitividade. Fatores estes, que atualmente são os principais entraves da lavoura orizícola no Rio Grande do Sul.

Conforme Yokoyama; Rucatti; Kluthcouski, (1999) na medida em que transcorria a década de 80, os recursos governamentais para o custeio e comercialização foram reduzidos, sendo intensificados após o Plano Cruzado. Enquanto que na década de 90, o Brasil incorporou as tendências internacionais de mercados globalizados e abertos as políticas de governo voltadas aos objetivos de integração, exigindo assim, a participação efetiva da iniciativa privada, reduzindo o protecionismo e evoluindo para os conceitos de eficiência e competitividade.

Torna-se evidente, que com a abertura econômica e a posterior integração regional representada pelo Mercosul, impõe-se maior especialização na produção,



a partir da geração e difusão de tecnologia, aliada a eficiência na administração da propriedade.

Assim, é fundamental que a orizicultura gaúcha passe por um processo de reestruturação de seu sistema produtivo, com o objetivo de adequar-se a um mercado mais competitivo, fundamentado em ações de modernização e reorganização da atividade em busca da sustentabilidade, associada ao ajuste tributário no Mercosul. Mas ressalta-se que estas medidas não são possíveis de serem realizadas sem a presença da esfera federal em adotar uma política agrícola capaz de manter o homem no campo, de forma justa e compensatória.

Neste contexto, essa abertura econômica representada inicialmente pelo Mercosul, e a falta de uma política agrícola que beneficie os produtores brasileiros têm gerado, nos últimos anos, um certo desconforto por parte dos produtores rurais, especialmente os agricultores que se destinam à produção de arroz irrigado principalmente no Rio Grande do Sul.

Assim, verifica-se que nas últimas safras, várias reivindicações foram levantadas por estes agricultores, que estão observando o sucateamento de suas lavouras. Esta indignação com a falta de interesse por parte do poder público tem sido manifestada através de barricadas, nas fronteiras por onde o arroz argentino e uruguaio costuma ser exportados para o Brasil, no qual o Rio Grande do Sul assiste de camarote a passagem do arroz que tem no incentivo de sua produção e na política agrícola diferenciada o seu suporte para a produção.

O período correspondente ao da safra 1999/2000, foi marcada pela luta de interesse por parte do governo em querer manter os acordos firmados no Mercosul e os agricultores que se encontravam lesados em função de não conseguirem cobrir os custos de produção, sucateando ainda mais esta lavoura, que no decorrer do tempo tem sido deixada de lado por parte do governo federal.

Neste sentido, a grande discussão entre os agricultores e o Governo, é a manutenção dos atuais acordos estabelecidos no Mecosul que são desvantajosos e que prejudicam a manutenção e sustentação da lavoura orizícola no estado gaúcho.

#### **1.4-Considerações finais**

O papel desempenhado pela lavoura orizícola na reorganização espacial do Rio Grande do Sul foi intenso na medida em que a tornou a principal atividade econômica da grande maioria dos municípios da Metade Sul do Estado.

Na medida em que a lavoura orizícola consolidou-se no espaço agrário gaúcho, a mesma foi capaz de dividir espaços substanciais com a pecuária, até então, principal atividade econômica. Perbe-se, então, a formação e organização de uma cadeia produtiva no decorrer das décadas, transferindo para a Campanha Gaúcha, o espírito de uma agricultura altamente capitalizada, basicamente voltada

para o abastecimento do mercado interno, formado pelas grandes cidades do sudeste brasileiro.

A constituição de uma lavoura voltada para o mercado interno associada a créditos facilitados do período pós-64, podem ser considerados como mecanismos capazes de desestimular o agricultor em comprar a terra para sua produção. A disponibilidade de terras da pecuária neste período era bastante significativo, associada à alta fertilidade da mesma no município, possibilitando, desta forma, a inserção da orizicultura, fenômeno este que ocorreu em toda a Campanha Gaúcha.

As desvantagens da lavoura orizícola gaúcha, tem procluído nos últimos anos, a transferência de vários agricultores para os países vizinhos, onde encontram incentivos para sua produção. E mais recentemente, na década de 90, o deslocamento de agricultores e beneficiadoras de arroz (agroindustrias) para a região Centro-Oeste do Brasil, influenciada pelo ganho de produtividade do arroz de sequeiro nas últimas safras e também pelo custo de produção ser bem menor do que o arroz irrigado do estado gaúcho.

A busca de alternativas para a lavoura orizícola, parte do princípio da averiguação das cotas existentes no Mercosul, apoiadas em uma diversificação da produção por parte destes agricultores, não deixando a economia regional alicerçada somente no binômio "Arroz/Boi", o qual caracteriza toda a metade Sul do Rio Grande do Sul.

Portanto, percebe-se, na atualidade, a desestruturação da lavoura orizícola gaúcha, que ocorre, em partes, em função dos acordos estabelecidos com o Mercosul. Assim, o que se assiste atualmente é o reflexo das políticas públicas adotadas pelo governo federal, que visa não mais o protecionismo da lavoura orizícola como acontecia na década de 70, mas sim, a abertura do mercado para a concorrência estrangeira.

No entanto, constatou-se que os orizicultores da Campanha Gaúcha, não possuem os meios de produção necessários para desenvolver, de forma sustentável, a lavoura orizícola. Desta forma, pode-se considerar os orizicultores de Dom Pedrito, como "Agricultores Sem Terra", pois estes, em sua grande maioria almejam no arrendamento capitalista, o seu único acesso a terra, ou seja, a única forma de desenvolver esta atividade agrícola no município.

Nesta perspectiva, a desestruturação pela qual que vem passando o espaço agrário constituído pela lavoura orizícola no Rio Grande do Sul, está abrindo precedentes que estão refletindo e refletirão, desde a soberania nacional em se auto-abastecer, até o agravamento dos problemas sociais, como desemprego e falta de dinamismo das economias regionais em especial nos municípios que compõe a metade sul do estado do Rio Grande do Sul.

### 1.5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESCOW, P. R. *O arrendamento Capitalista na Agricultura: Evolução e Situação Atual da Economia do Arroz no Rio Grande do Sul*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- BRUM, A. J. *Modernização da Agricultura Trigo e Soja*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- EHLERS, E. *Agricultura Sustentável*. Origens e perspectivas de um novo paradigma. Guaíba: Agropecuária, 1999.
- GAZIANO DA SILVA, J. *Tecnologia & Agricultura Familiar*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- HAERBAERT, R. *RS Latifúndio e Identidade Regional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- \_\_\_\_\_. Região e Redes Transfronteiriças em áreas de migração brasileira nos países do Mescosul. In STROHAECKER, T. M. Et al (org) *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre: AGB/Porto Alegre, 1988.
- MÜLLER, G. ° Agrário Verde Amarelo, Hoje e Amanhã. *Revista de Geografia Brasileira*, v 54, n°04, p. 30-45. out/dez. 1992.
- SOUZA FILHO, F. R. de. As transformações no Espaço Agrário "Sul - Rio - Grandense" pós 60. Porto Alegre. *Cadernos de Sociologia - n° especial*, p. 74-94. out. 1994.
- YOKOYAMA, L. P; RUCATTI, E. G. KUTHCOUSKI, J. Economia da produção: conjuntura, mercados e custos. In VIEIRA, N. R. de A (org) *A cultura do arroz no Brasil*. Santo Antonio de Goiás: EMBRAPA Arroz e Feijão, 1999